



DEUS PRA QUÊ?

UMA REFLEXÃO SOBRE A FÉ
E O AUTOCONHECIMENTO

AUGUSTO ERIC AUAD

AUGUSTO ERIC AUAD

DEUS PRA QUÊ?

UMA REFLEXÃO SOBRE A FÉ E O AUTOCONHECIMENTO

FORTALEZA - CE

- 2016 -

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Auad, Augusto Eric

Deus pra quê? Uma reflexão sobre a fé e o autoconhecimento / Augusto Eric Auad. – Fortaleza, CE: [s.n.], 2016.

78 p.; 14x21cm.

ISBN: 978-85-5697-157-9

1. Espiritismo 2. Espiritualismo 3. Filosofia. 4. Psicologia. I Título.

Todos os direitos de reprodução, cópia, comunicação ao público e exploração econômica desta obra estão reservados, única e exclusivamente, ao seu autor. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou usada de qualquer forma ou por qualquer meio (eletrônico, mecânico, inclusive fotocópias, gravações ou sistema de armazenamento em bancos de dados), sem permissão escrita do autor, exceto no caso de textos curtos para fins de citação ou crítica literária.

augustoericauad@gmail.com

<http://www.psicologiadoespirito.com>

Aos meus filhos, por manterem sempre acesa a chama do amor
em meu coração.

POEMA DE FÉ

Entrega-te ao trabalho e confia.

Surgirão inúmeros motivos para abandonares o caminho que traçastes para ti. Então, não te iludas, nem temas; inicia a caminhada e avança.

Caminha, procurando a cada instante perceber os sinais que te irão conduzindo a ti, tal qual luz a te indicar o caminho.

Ora para que esses sinais se te revelem e que tu os possa compreender com o coração e a mente límpida.

Aprendes a amar o trabalho solitário que realizas quando ninguém vê.

E quando o teu coração estiver sereno e humilde, sem medos e apreensões, então, encontrarás a fé que não imaginavas possuir; a força que não supunhas ter; e a paz que nunca acreditastes merecer.

Crê e vencerás!

Um anjo amigo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
SOMOS DEUSES.....	20
A FELICIDADE REAL.....	32
O DOM DE DEUS EM NÓS.....	47
A REALIDADE DOS SONHOS.....	54
A ILUSÃO MATERIALISTA.....	64
A ESCOLA TERRENA.....	70
ESTAMOS TODOS APRENDENDO.....	75

INTRODUÇÃO

Haverá momentos em que te sentirás completamente à deriva, mesmo que estejas certo do que precisas fazer. Então, mantém acesa a chama da esperança e segues trabalhando, pois todo tempo sem rumo precede ao encontro da fé.

Eu já havia dado como concluído este pequeno livro e, inclusive, escolhido outro título, quando, fazendo algumas últimas correções já no adiantado das horas, fui surpreendido por uma dessas perguntas que às vezes nos chega inesperadamente, como se escapassem de algum lugar em nosso íntimo e viessem até nós com o intuito claro de nos provocar e suscitar reflexões que, sinceramente, nem sempre estamos ávidos por fazê-las.

Deus pra quê? Essa pergunta chegou-me de uma forma tão inesperada e aflita que me pareceu como um grito preso que acabara de soltar-se de algum calabouço existente nos porões de minha alma, e ecoasse por todo o meu continente de dúvidas.

Confesso que a primeira coisa que fiz foi tentar, discretamente, introduzir uma vírgula após “deus”, o que, possivelmente, daria à pergunta um sentido mais polido, talvez, quem sabe, até um contorno mais filosófico, menos agressivo. Mas logo percebi que se assim o fizesse estaria mudando-lhe completamente o sentido e, certamente, o seu objetivo, embora naquele instante este me parecesse insignificante.

É claro que eu, como, aliás, quase todo mundo, já fiz e continuo fazendo minhas próprias indagações a respeito da existência de “Deus” e de como lidarmos com esse que é para mim o maior e o mais importante mistério da vida. Mas, “Deus pra quê?”, assim, sem vírgula, me veio de uma forma tão destemida, tão pura, e de certa forma, tão necessária que, aos poucos, percebi que se tratava de algo bem mais importante que uma simples pergunta, e que, portanto, exigiria de mim, também, algo mais do que uma simples resposta, talvez um testemunho, além de parecer estar claramente relacionado ao próprio livro, o que me fez deduzir, que o mesmo, talvez, ainda não estivesse concluído. E realmente não estava.

Já era madrugada e eu havia passado praticamente todo o dia debruçado sobre os últimos acertos necessários à conclusão do livro, e por isso, resolvi que só ao amanhecer dedicaria algum tempo para refletir sobre aquela pergunta meteórica que de certa forma parecia ter desabado sobre mim. Deitei-me exausto; mesmo assim não resisti e comecei a esboçar as primeiras reflexões sobre o acontecido, ainda impressionado com a forma até certo ponto atrevida como a pergunta me chegara, mas, principalmente, por considerar-me ainda mais atrevido por não querer colocar de uma vez por todas a maldita vírgula depois de “deus”, o que daria por encerrado aquele assunto e o próprio livro; mas, adormeci embalado por essa teimosia, e ao mesmo tempo, por uma deliciosa sensação de paz, e de que algo em mim começara a libertar-se.

Quando nos perguntamos “Deus, pra quê?”, a vírgula acaba por amenizar nossa culpa e tenta nos convencer de que estamos a realizar, no máximo, uma indagação, embora audaciosa, compatível com o nosso estágio intelectual. Mas se a retirarmos, torna-se bem mais difícil justificar tal “ousadia” sem que nos sintamos de alguma forma “desmerecedores” da compaixão que o próprio “deus” possa nos ter daí por diante.

No entanto, eu estava certo de que deveria mantê-la da forma como me veio e, mais que isso, que eu precisaria tentar respondê-la da forma mais honesta possível e aceitar corajosamente a resposta que me enviasse o meu coração.

Este pequeno livro, embora simples e desprovido de rigores literários, busca ser apenas uma humilde ferramenta de reflexão sobre a nossa relação com “aquele” ou “aquilo” a que nos acostumamos a chamar de “deus” e de “fé”, e sobre o porquê de termos abdicado da liberdade de fazermos as nossas próprias indagações - e de chegarmos às nossas próprias respostas e conclusões - sobre nossas dúvidas mais legítimas, para assumirmos, na maioria das vezes, posições alheias, prontas, resultando quase sempre em um comportamento intelectual acanhado, mesquinho, abrindo mão, assim, do direito sagrado de nos valermos de nossa própria consciência para advogarmos em favor de nossas próprias causas.

Além disso, busca incentivar-nos de alguma forma, a refletirmos sobre a necessidade de investirmos em comportamentos que nos

estimulem a uma vivência mais comprometida com o despertar de nossas potencialidades inatas, nosso único e verdadeiro patrimônio, “amealhado” através das incontáveis experiências adquiridas desde que saímos “simples e ignorantes” das mãos do Criador.

Também nos convida a realizar, incessantemente, novas e corajosas perguntas, a fim de obtermos, quando possível, as respostas que nos facilitem alcançar uma maior compreensão sobre o que somos e sobre quais os “papeis” que nos cabe desempenhar nesse enredo através do qual se nos descortina a nossa própria vida, e que se revela aos poucos ao longo de nossa caminhada em busca da paz, verdadeira e inabalável, e cujo mapa que nos leva a esse tão desejado tesouro também vai se nos revelando aos poucos, a cada passo, a cada erro, a cada acerto, a cada derrota, a cada vitória e a muitos recomeços.

Por isso mesmo, tão importante como as perguntas - das quais precisamos nos valer não apenas para satisfazer a curiosidade fugaz sobre os nossos infortúnios -, são as respostas, para que possamos recebê-las de uma forma translúcida, evitando o quanto que possível os nossos “a priores”, medos e receios, nos permitindo ser beneficiados pelo novo, pelo que surge para além de nossas rígidas convicções ou de nossas acanhadas compreensões, sem abrimos mão de nossa subjetividade, que nos orienta e nos diferencia, porquanto dá a cada um de nós a tonalidade e os contornos próprios de nossa “individualidade”.

Durante a sua longa caminhada, a humanidade alcançou em diferentes momentos a capacidade de despertar para “novas” e decisivas indagações. E elas não se tornam disponíveis antes que estejamos prontos para ouvir-lhes as respostas, simplesmente porque de nada nos adianta um conhecimento para o qual ainda não estamos potencialmente aptos a utilizá-lo. E o conhecimento é a matéria prima da transformação. O alimento da alma.

Assim, saber o que realmente somos, como, também, qual a nossa relação com esse “deus” a quem mais tememos do que amamos, e com essa “fé”, que tanto nos esclarece como nos faz duvidar, é dúvida cada vez mais presente e crescente em nossos corações e em nossas mentes, a nos possibilitar não apenas a obtenção de novos conhecimentos, mas, também, a nos oportunizar valerosos desafios, indispensáveis às necessárias transformações do Ser.

Olhando, superficialmente, “Deus, pra quê?” e “Deus pra quê?”, sem a vírgula, podem até parecer uma mesma pergunta, mas não são. Uma nos remete a um “deus” da filosofia, das escrituras, das religiões; um “deus” das nossas fantasias, das nossas abstrações, distante, que nos observa com a ponta dos dedos; um “deus” temido, mas, insignificante. A outra nos remete a um “Deus” da nossa experiência, do nosso dia-a-dia; um “Deus” das nossas fraquezas e decepções; um “Deus” das nossas conquistas e superações; um “Deus” da nossa “realidade”, tão presente e tão próximo de nós que é impossível retirá-lo de nossas vidas, sem que nos sintamos completamente “vazios”.

Na primeira encontramos as respostas que as teorias e os nossos medos possam nos proporcionar; na segunda, apenas aquelas que a coragem e as nossas próprias experiências possam nos revelar. Na primeira alimentamos uma fé idealista, ilusória, mística; na segunda, uma fé raciocinada, límpida, nascida da experiência adquirida nas muitas “vidas” e “mortes” vividas em nossas vidas.

Ignorantes quanto à beleza e ao poder de nossa própria essência e arredios à nossa “personalidade” inata – aquela que precisamos “promover” para que floresçam as competências e habilidades necessárias ao nosso progresso na escalada da vida – seguimos afastados de nós mesmos, privando-nos dos recursos adquiridos ao longo de nossa vasta e árdua caminhada.

Assim, este simples contributo que ora compartilhamos com o nosso leitor e com todo o Universo, nada mais é que um convite para, unidos em sentimentos, pensamentos e ações, trabalharmos para a superação de nossa “inércia” e de nosso “conformismo”, através do exercício constante do autoconhecimento e da autorrealização, práticas indispensáveis à nossa transformação e à transformação do mundo.

Para tanto, embasamos nossa modesta contribuição na confiança inabalável de que somos a própria manifestação deste “Deus”, presente em cada um de nós, em nossos corações, em nossa inteligência, em nossa intuição e em nosso amor. Um “Deus”,

onipotente, onisciente e onipresente que nos torna a todos “deuses”; nós e tudo o que existe no universo.

Não um “deus” humano ou sobre-humano, que nos observa ou que nos “dirige” os destinos, mas um “Deus” que é de fato a única coisa que existe, a única realidade, e que se manifesta através de nós e em nós, em cada ser, em cada átomo, em cada pensamento, em cada sentimento, através de suas infinitas formas e em suas infinitas dimensões; um “Deus” que não apenas dá a vida, mas que é a própria vida. Um “Deus” que não apenas cria, mas que é a própria criação.

Nossa contribuição, portanto, embora oferecida a todos, não se dirige prioritariamente àqueles que já se encontram interiormente motivados e confiantes em uma proposta de libertação interior, nem aos que se encontram completamente descrentes dessa proposta, posto compreendermos que cada um está em sintonia com aquilo que lhe é mais necessário no momento. Dirigimo-nos àqueles que, embora já se sintam “chamados” por suas próprias consciências ao trabalho de renovação, encontram-se, como nós, ainda, aflitos, mas, já experimentando os primeiros sinais de confiança na intuição que desabrocha com a depuração dos próprios sentidos, e que nos possibilita abrir os olhos e os ouvidos para a realidade do Espírito e da vida espiritual.

Mesmo que nesses primeiros instantes o que possamos “ouvir” ainda sejam apenas os “ruídos” de nossos próprios conflitos, e o

que “vemos” seja um horizonte ainda distorcido por nossa própria incompreensão, esses “sinais” já nos chamam a atenção para um novo caminho, para uma realidade completamente nova, e que por mais que ainda não a compreendamos claramente, podemos senti-la como sendo um novo ponto de partida; um renascer; uma nova forma de sentir e de viver, agora essencial para o bem-estar de nossas vidas.

Por isso mesmo, nosso único objetivo é o de compartilhar de uma forma simples e despretensiosa, algumas de nossas reflexões, surgidas a partir de experiências vividas ao longo de nossa jornada, em situações e momentos distintos, muitos dos quais extremamente difíceis, parecendo fatos isolados, mas na verdade, intimamente relacionados, e voltados, exclusivamente, ao despertar espiritual, meu e daqueles que fazem parte dessa longa caminhada.

Nossa proposta não é, portanto, apresentarmos aqui nenhuma receita para a iluminação de quem quer que seja; pelo contrário, apresentamos nossas reflexões cientes de que ainda estagiamos em patamares de profunda ignorância e inquietação. Mesmo assim, já nos sentimos motivados a oferecer esta modesta contribuição àqueles que se sintam de alguma forma identificados e tocados por nossos pensamentos e sentimentos, e, desta forma, queiram juntar-se a nós, conscientes de que, apesar de serem inúmeras as dificuldades a serem superadas, já é intensa e atuante em nós a força que nos impulsiona em direção a nossa mais ousada conquista: a nossa própria libertação.

É, portanto, através desse nosso ponto de vista em relação a essa “Fé”, através da qual nos mantemos ligados, conscientemente, a essa Consciência Suprema a qual chamamos de “Deus” e, a partir das nossas próprias experiências, vividas, compreendidas e resignificadas a partir de uma nova maneira de “enxergar” os acontecimentos da vida, que temos conseguido nos tornar, aos poucos, e a cada dia, um pouco mais tranquilo tanto em relação ao nosso modo de ser - nem sempre tão agradável e sereno -, como, também, em relação aos tempos difíceis para os quais temos sido “chamados” a viver e a dar o nosso testemunho diante dos desafios misericordiosamente colocados à nossa frente, acreditando que é aqui, enquanto consciências encarnadas, que deveremos “transformar” as nossas “dificuldades” em fontes de sabedoria para a correção de nossos próprios rumos.